



VERZIGNASSE, Rogério. 86% dos estupradores são desconhecidos: pesquisa da Unicamp diverge das estatísticas policiais, que mostram que 70% dos casos acontecem dentro da casa da vítima. Correio Popular, Campinas, 04 maio. 2003.

ROGÉRIO VERZIGNASSE

Do Correio Popular

rogerio@cpopular.com.br

Levantamento inédito do ginecologista Carlos Tadayuki Oshikata, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), revela que 86% dos crimes de abuso sexual contra as mulheres da região de Campinas são cometidos por agressores desconhecidos. A constatação foi transformada em tese para uma dissertação de mestrado. Até hoje, a população só tinha acesso à informação historicamente difundida pelos organismos policiais de que a maior parte dos estupros (70%) é cometida dentro da casa das vítimas.

Os dados foram contabilizados a partir dos registros de atendimento no Centro de Atenção Integral à Saúde da Mulher (Caism), a 166 pacientes entre 1999 e 2002. Em nenhum momento, no entanto, a pesquisa coloca em dúvida a seriedade das estatísticas policiais. O próprio ginecologista admite que os casos cometidos dentro de casa são crimes contra crianças, adolescentes e esposas. Mas muitas vítimas agredidas, nestas situações, simplesmente sentem vergonha em procurar tratamento especializado.

Existe porém, na tese de Oshikata, uma revelação importante. A maioria dos casos – cerca de 70% – acontece em bairros da periferia, ou nas cidades que contabilizaram grande expansão demográfica nas divisas com Campinas. Casos, por exemplo, de Sumaré,

Hortolândia e Monte Mor.

Fica evidenciado que as diferenças socioeconômicas, e não apenas as crises domésticas, contribuem para crimes do gênero. Os bairros onde acontecem os estupros são geralmente pobres, tiveram casos recentes de invasão de terra e são controlados pelos traficantes de drogas, segundo o estudo.

AS VÍTIMAS

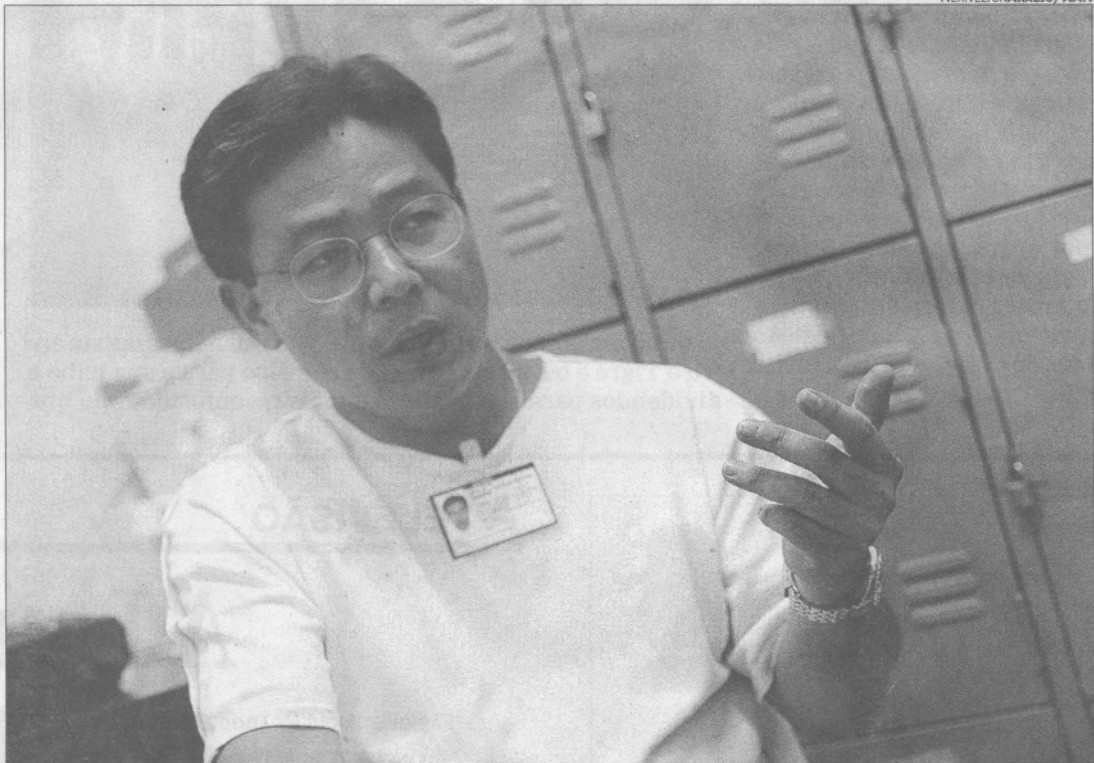
O ginecologista verificou também que as agressões acontecem depois das 18h e que, em metade dos casos, as vítimas eram mulheres que voltavam do trabalho ou iam para a escola. “A escuridão é um fator conhecido de camuflagem, que facilita a abordagem e dificulta a identificação do agressor”, diz o profissional.

Em cerca de 70% dos casos contabilizados na elaboração da tese, as vítimas foram mulheres brancas e solteiras. E, entre as agredidas, havia garotas de 12 anos e até senhoras de 84.

ARMA DE FOGO

Outro dado interessante da pesquisa é que o uso da força física não pode ser considerado a única estratégia dos agressores. É comum a denúncia, nos plantões policiais, de que mulheres são arrastadas para o matagal, locais ermos ou construções abandonadas, e obrigadas a praticar sexo com os agressores. Mas o ginecologista descobriu que, em nada menos que 58% dos casos contabilizados, o criminoso ameaçou a vítima com uma arma de fogo.

**Vítimas mais
comuns são
brancas e jovens;
casos acontecem
durante a noite**



O ginecologista Carlos Oshitaka: é preciso tratamento e acompanhamento psicológico